

Prova de Inglês (Manhã)

Texto para as questões 01 a 05

Yellow is a colour of contradictions. It radiates optimism and warmth, but can just as easily feel abrasive or cautionary. On the one hand it's sunshine shades, on the other hazard signs. While it has represented abundance, power and good fortune, points out writer and cultural historian Kassia St Clair, it is also associated with cowardice, decadence and deviance.

The multifaceted nature of the colour is now being explored in an exhibition at the Van Gogh Museum in Amsterdam. It includes some of the Dutch painter's most-famous works – his Sunflowers and Wheatfield with a Reaper, painted in sun-soaked Provence – but it also traces the colour's cultural influence from art to fashion.

"Yellow was seen as a counter-cultural colour in late-19th-century Europe," says St Clair, author of *The Secret Lives of Colour*, "and this meaning was exploited by Van Gogh. When he painted still lifes of books, for instance, he often included ones with yellow covers." It was a subversive signifier of his avant-garde outlook on the traditional elites.

"His yellows were radical: they were loud and chemically unstable, carrying a sense of urgency and intensity that reflected the industrial acceleration of his time," explains Australian artist Heath Wae. His own abstract, meditative paintings are worked in natural pigments; sourced from acacia resins and myrrh, his yellows are softer and subtle. "They evoke the intelligence of plants, weathered walls and something solar that has already passed through the earth," he says. This principle holds true in interiors, too. Designer David Lucido suggests that yellow's range allows it either to command the spotlight or recede into the background.

In Amsterdam, the upcoming exhibition poses a broader sensory challenge: what does the colour feel, sound and smell like? For Wassily Kandinsky, who was believed to have synaesthesia, yellow was the sound of a blaring trumpet. St Clair hears it as "a clear, high-pitched note that's oddly a little cold". For perfumer Lyn Harris, it smells like "lemons with transparent white flowers sprinkled with sugared musks". And for Wae, the colour feels like "warmth without heat. A soft memory."

Financial Times. 17 January 2026. Adaptado.

01. No texto, a referência a "sunshine shades" e "hazard signs" (1º parágrafo) contribui para construir a ideia de que o amarelo

- a) apresenta predominância estética conforme os usos em que é empregado.
- b) manifesta amplitude simbólica ao articular sentidos associados ao conforto e ao alerta.
- c) vincula-se a códigos visuais que orientam percepções de risco em diferentes contextos sociais.
- d) desempenha função decorativa nas artes europeias do século XIX.
- e) estabelece relação direta entre paisagem natural e iconografia moderna.

02. Conforme o texto, a caracterização dos amarelos de Van Gogh como "loud and chemically unstable" (4º parágrafo) produz um efeito interpretativo, segundo o qual a cor

- a) sinaliza inadequação dos materiais empregados diante das exigências estéticas do período.
- b) privilegia a exatidão formal como critério central de produção artística.
- c) projeta na materialidade cromática intensidade vinculada às transformações do seu tempo.
- d) retoma princípios tradicionais ao enfatizar padrões consolidados de composição.
- e) traduz a busca por equilíbrio visual por meio do controle dos elementos expressivos.

03. No texto, a descrição do amarelo como "a clear, high-pitched note" (5º parágrafo) constitui um exemplo de

- a) estabelecimento de associação metafórica entre percepção visual e experiência auditiva.
- b) apresentação de explicação científica da frequência luminosa das cores.
- c) proposição de classificação musical da variação das tonalidades cromáticas.
- d) realização de análise técnica das características da pintura abstrata.
- e) descrição da diminuição da intensidade do brilho percebido.

04. No trecho "command the spotlight" (4º parágrafo), aplicado ao amarelo em interiores, a expressão sugere que a cor pode

- a) remeter a elementos naturais no espaço doméstico.
- b) equilibrar composições cromáticas de caráter neutro.
- c) reproduzir tonalidades associadas à luminosidade solar.
- d) atrair a atenção visual na organização do ambiente.
- e) remeter a padrões estilísticos consolidados ao longo do tempo.

05. Considerando o contexto, o uso da expressão "just as easily" (1º parágrafo), em relação à cor, indica

- a) predominância de significados associados a valores negativos.
- b) hierarquização de interpretações culturais distintas.
- c) progressão histórica de valores simbólicos a ela atribuídos.
- d) equilíbrio potencial entre leituras simbólicas divergentes.
- e) distinção entre aplicações artísticas e usos sociais do pigmento.

Prova de Inglês (Manhã)

Texto para as questões 06 a 10

A confusing contradiction is unfolding in companies embracing generative AI tools: while workers are largely following mandates to embrace the technology, few are seeing it create real value. Consider, for instance, that the number of companies with fully AI-led processes nearly doubled last year, while AI use has likewise doubled at work since 2023. Yet a recent report from the MIT Media Lab found that 95% of organizations see no measurable return on their investment in these technologies. So much activity, so much enthusiasm, so little return. Why?

One possible reason: Employees are using AI tools to create low-effort, passable looking work that ends up creating more work for their coworkers. On social media, which is increasingly clogged with low-quality AI-generated posts, this content is often referred to as “AI slop.” In the context of work, we refer to this phenomenon as “workslop.” We define workslop as AI generated work content that masquerades as good work, but lacks the substance to meaningfully advance a given task.

Here’s how this happens. As AI tools become more accessible, workers are increasingly able to quickly produce polished output: well-formatted slides, long, structured reports, seemingly articulate summaries of academic papers by non-experts, and usable code. But while some employees are using this ability to polish good work, others use it to create content that is actually unhelpful, incomplete, or missing crucial context about the project at hand. The insidious effect of workslop is that it shifts the burden of the work downstream, requiring the receiver to interpret, correct, or redo the work.

Cognitive offloading to machines is not a novel concept, nor are anxieties about technology hijacking cognitive capacity. In 2006, for instance, the technology journalist Nicolas Carr published a provocative essay in The Atlantic that asked “Is Google Making Us Stupid?” The prevailing mental model for cognitive offloading—going all the way back to Socrates’ concerns about the alphabet—is that we jettison hard mental work to technologies like Google because it’s easier to, for example, search for something online than to remember it.

Unlike this mental outsourcing to a machine, however, workslop uniquely uses machines to offload cognitive work to another human being. When coworkers receive workslop, they are often required to take on the burden of decoding the content, inferring missed or false context. A cascade of effortful and complex decision-making processes may follow, including rework and uncomfortable exchanges with colleagues.

Harvard Business Review. 22 September 2025. Adaptado.

06. Conforme o texto, o neologismo “workslop” cumpre uma função argumentativa que consiste em

- a) substituir terminologia técnica utilizada em estudos acadêmicos.
- b) explicar o processo como consequência direta do avanço tecnológico da inteligência artificial.
- c) caracterizar estilos de escrita produzidos por algoritmos.
- d) diferenciar processos eficazes em setores tecnológicos.
- e) nomear um fenômeno emergente para tornar visível um padrão recorrente de práticas organizacionais.

07. Considerando o contexto, a metáfora do fluxo de trabalho implícita no termo “downstream” (3º parágrafo) contribui para representar a

- a) hierarquia das organizações corporativas.
- b) circulação de atividades e responsabilidades coletivas.
- c) encadeamento progressivo de decisões administrativas.
- d) organização de tarefas em setores sem articulação entre si.
- e) distribuição geográfica das equipes de trabalho.

08. No texto, a expressão “cognitive offloading” (4º parágrafo) refere-se a um processo em que indivíduos

- a) ampliam sua capacidade de processamento de informações.
- b) organizam informações com base em critérios algorítmicos.
- c) transferem parte de suas tarefas mentais para ferramentas externas.
- d) desenvolvem habilidades cognitivas por meio da tecnologia.
- e) aplicam métodos científicos à tomada de decisão.

09. No texto, o termo “hijacking” (4º parágrafo), aplicado à relação entre tecnologia e cognição, aproxima-se, em sentido, de

- a) apropriação indevida de processos mentais.
- b) reconfiguração neutra das atividades cognitivas.
- c) classificação técnica de formas de pensamento.
- d) expansão das capacidades intelectuais.
- e) organização sistemática da informação.

10. Considerando o contexto, a expressão “to take on the burden” (5º parágrafo) significa

- a) to defer engagement with the work.
- b) to transfer accountability to another party.
- c) to bear a demanding task.
- d) to avoid dealing with one’s obligations.
- e) to relinquish responsibility to others.

Prova de Inglês (Manhã)

Texto para as questões 11 a 15

What does our immersion in the online world have in common with the literary conventions of ancient Greece? Probably more than we can explore here. But after being stopped in the dairy aisle at the supermarket by someone who heard me pontificating on a podcast the other day (and, boy, did they have a bone to pick with the views I aired on jury trials), I was pondering the meaning of the Cambridge English Dictionary's word of 2025.

This year, the panel of boffins picked "parasocial" — the erroneous feeling of closeness, even attachment, that can spring from having spent hours watching or listening to people we've never met. And these days we probably all have examples of being on one end or the other of this strange dysfunction.

Why do we think we know someone when actually we only recognise them? Let's just zoom back to classical Athens for a second. Aristotle can help explain why we yearn to feel we know someone. His Poetics, which laid out the rules of the writing game, lists anagnorisis — recognition — as a crucial plot device. It's the moment when, for example, the random beggar is revealed to be Odysseus. Literary critics call it "the shift from ignorance to knowledge", when at last the characters understand a bunch of seriously confusing stuff that's been going on. Well, we've got a lot of that seriously confusing stuff going on in the world right now.

So maybe looking for insight in a dubious connection online, or over the airwaves, isn't all that strange. Why are we surprised at our modern-day excess of these "recognitions", given the need to make sense of a global plotline that's gone truly batshit? In this light, the phenomenon of the friendly voice on a podcast being claimed by all and sundry as their own true friend seems reasonable.

But, but, but... there are perils and pitfalls. I'm currently feeling at one with the zeitgeist because of my addiction to a painter's YouTube diary. Could it tip over into the parasocial? She's super jolly and welcomes us into her domestic as well as professional life. Even so, in one online lesson she asked people to refrain from copying her family pictures. Use your own aunts and uncles for inspiration, she urged, admitting it felt "gunky" to have strangers sending in daubs of people she cares about. That crossed a line. Even in real life, it can get a bit out of hand.

Financial Times. 19 December 2025. Adaptado.

11. No texto, "parasocial" (2º parágrafo) como palavra do ano indica que o fenômeno descrito

- a) constitui conceito formalmente definido no âmbito da psicologia experimental.
- b) ocupa espaço relevante nas experiências sociais mediadas por tecnologia.
- c) pressupõe reconhecimento mútuo entre os participantes da interação.
- d) resulta da reformulação recente de modelos teóricos da comunicação.
- e) corresponde à categoria conceitual consolidada no campo da sociologia.

12. Conforme o texto, a caracterização do mundo contemporâneo como "a global plotline" (4º parágrafo) expressa a ideia de que a realidade atual é percebida como

- a) sistema complexo explicado por teorias políticas globais.
- b) produto artificial das redes sociais em substituição à realidade.
- c) série de enredos construídos por instituições jornalísticas.
- d) relato histórico estruturado com base em fatos verificáveis.
- e) conjunto de acontecimentos interpretados por meio de estruturas narrativas.

13. O relato da pintora que mantém um diário no YouTube contribui para o argumento do texto ao

- a) evidenciar o papel dos artistas como formadores de opinião nas plataformas digitais.
- b) explicar estratégias de ensino artístico em ambientes online.
- c) ilustrar limites delicados entre proximidade mediada e invasão de intimidade.
- d) apresentar panorama geral das relações entre produção artística e redes sociais.
- e) formular discussão normativa sobre regras éticas da produção de conteúdo digital.

14. No texto, a repetição "But, but, but..." (5º parágrafo) cria um movimento argumentativo que

- a) desloca a análise para consideração de riscos associados ao fenômeno descrito.
- b) revela incerteza do narrador quanto à posição defendida.
- c) indica tentativa de sinalizar concordância com opinião previamente apresentada.
- d) estabelece contraste entre teoria literária e experiência digital.
- e) apresenta explicação histórica inédita sobre a origem do acontecimento.

15. Considerando o contexto, a expressão "random beggar" (3º parágrafo), no exemplo da anagnorise, enfatiza

- a) a posição social do personagem como elemento central na história.
- b) a aparência inicial de irrelevância antes da revelação narrativa.
- c) o papel simbólico da condição de pobreza na literatura grega.
- d) a construção da trama como encadeamento cronológico de acontecimentos.
- e) a presença de crítica social implícita na tradição clássica.

Prova de Inglês (Manhã)

Texto para as questões 16 a 20

The use of artificial intelligence in the art world has been touted for its supposed ability to spot fakes and authenticate works by Old Masters, identify which emerging artists will become the next superstars and even create artworks without human involvement. It's all very space age and largely niche. But behind the scenes in a rapidly changing art market, A.I. is already playing a significant role in price setting.

Perhaps necessarily. The art market is “notoriously opaque,” New York City art advisor Alex Glauber told Observer, as the only information on what something costs comes from auction sales records—and only a small percentage of artworks are sold at public auctions. Most sales are made by galleries and dealers who never disclose what buyers paid. How are art advisors supposed to inform their clients about a possible purchase if they don't know whether a price is reasonable? How are insurers supposed to write fine art policies for collections if the appraisers they rely on have little to no access to the prices paid for artworks? A growing number of companies have developed programs using A.I. technology to help with just that, including iownit, Wondeur, ARTDAI and the Winston Artory Group. Glauber, an advisory board member of ARTDAI, noted that while “databases allow you to compile auction comparables, ARTDAI distinguishes itself in what you can do with that information. The platform can autogenerate tailored reports that analyze auction sale patterns and market performance for an artist. From there, you can upload artwork details for works that have not been publicly sold at auction, and ARTDAI can analyze the inputted transaction data against historical auction results to surmise a fair market value based on public auction data.”

Part of what makes the art market seem opaque is that it is based on trust—trust in a dealer or advisor who presumably has a great deal of knowledge and a sense of what's up-and-coming—rather than on verifiable fact. Maybe that dealer just wants you to buy the work of an artist he currently represents. Maybe that advisor owes someone a favor. Fact-based means verifiable information about art, not your nose for sniffing out quality, your keen eye, your expertise or your connoisseurship.

The Observer. 10 August 2025. Adaptado.

16. De acordo com o texto, a menção inicial aos usos espetaculares da inteligência artificial no mundo da arte funciona como estratégia discursiva que

- a) estabelece uma crítica direta à incapacidade da inteligência artificial de atuar em contextos artísticos contemporâneos.
- b) restringe o papel da tecnologia a usos específicos sem impacto relevante no mercado atual.
- c) evidencia a necessidade de identificação em pinturas históricas de alterações invisíveis a olho nu.
- d) introduz repertório de aplicações futuristas que prepara a transição para a relevância concreta da tecnologia na formação de preços.
- e) propõe equivalência entre criação artística automatizada e práticas tradicionais de produção estética.

17. Ao afirmar que o mercado se baseia em confiança, o texto constrói oposição entre

- a) critérios objetivos acessíveis de forma ampla e práticas subjetivas marginalizadas.
- b) transparência institucional consolidada e ausência de mediação individual.
- c) relações interpessoais sustentadas por autoridade e a necessidade de informações verificáveis fundamentadas em dados.
- d) evidências empíricas abundantes e interpretações intuitivas residuais.
- e) aceitação da tecnologia no campo das artes e debate sobre autoria.

18. Conforme o texto, a contraposição entre “space age” e “behind the scenes” (1º parágrafo)

- a) confunde dimensões estéticas e técnicas ao tratá-las como equivalentes.
- b) reforça a homogeneidade dos usos tecnológicos no mercado da arte.
- c) neutraliza diferenças entre inovação e tradição no campo artístico.
- d) faz distinção entre aplicações chamativas e usos discretos, porém relevantes.
- e) desloca o foco do texto para aspectos históricos do advento da tecnologia.

19. No texto, o termo “that”, na expressão “just that” (2º parágrafo), retoma a

- a) criação de obras de arte por dispositivos de inteligência artificial.
- b) autenticação de obras realizada por especialistas humanos.
- c) realização de leilões públicos em âmbito internacional.
- d) atuação exclusiva de seguradoras nos mercados emergentes.
- e) dificuldade de determinar valores razoáveis diante da escassez de informações.

20. No contexto, a expressão “keen eye” (3º parágrafo) pode ser interpretada como

- a) capacidade apurada de percepção estética.
- b) instrumento técnico de análise visual.
- c) procedimento automatizado de avaliação.
- d) registro documental de características artísticas.
- e) método estatístico de classificação.

Texto para as questões 21 a 25

Many environmentalists worry that population growth and consumption continue to vastly outpace the planet's ability to cope with unrelenting extraction and pollution. The problem is not too many people but too few. Although the last century saw an astounding six billion people added to the total world population, today two out of three people live in countries that have fertility rates below the replacement level—the rate of births per woman required to sustain natural population growth. The average number of children born per woman has been falling so rapidly that the UN Population Division estimates that 63 countries or territories have already hit their peak population size. Although the overall human population may eventually rise to around ten billion by about 2060 or 2080 (according to various estimates), it will fall thereafter—and precipitously, with each generation smaller than the last.

The economists Dean Spears and Michael Geruso have seen their faith eroded by steep plunges in fertility rates around the world. They believe that the world is at a critical juncture: down one path, humanity could experience a stunning and stunting depopulation; alternatively, societies could find a way to stabilize population levels by encouraging people to have more children. Only this latter route will allow societies to maintain and strengthen the sources of their flourishing.

At a time when much pronatalist rhetoric veers into xenophobia and misogyny, Spears and Geruso offer a welcome intervention. They acknowledge the reality of climate change and the centrality of individual rights even as they stress that depopulation is a real problem and a threat to human well-being. They hold these seemingly opposed thoughts side by side. As they write: “It would be better if the world did not depopulate. Nobody should be forced or required to have a baby (or not to have a baby).”

The authors privilege a moral argument over an economic one, insisting that a world with more people is in and of itself a better one.

foreignaffairs.com, 3 December 2025. Adaptado.

21. A afirmação “The problem is not too many people but too few” (1º parágrafo) opera, no contexto do texto, como

- a) confirmação do aumento populacional enquanto responsável pela ameaça ambiental.
- b) indicação de que a população mundial já se encontra em declínio consolidado.
- c) reformulação do diagnóstico predominante à luz de tendências demográficas recentes.
- d) deslocamento do debate para a relação entre consumo e desigualdade social.
- e) ênfase na irrelevância das taxas de fertilidade para o futuro global.

22. Conforme o texto, Spears e Geruso são apresentados como autores que

- a) refutam a existência de mudanças climáticas como fator relevante.
- b) conciliam preocupações ambientais com a defesa do aumento da população.
- c) priorizam análises restritas aos princípios econômicos.
- d) sustentam posições desvinculadas de dados demográficos.
- e) consideram legítimas políticas coercitivas de natalidade.

23. Considerando o contexto, a expressão “in and of itself” (4º parágrafo) reforça a ideia de que

- a) o crescimento populacional depende de fatores econômicos.
- b) a população deve ser avaliada por sua produtividade.
- c) a dinâmica demográfica se subordina a políticas públicas.
- d) o valor humano é determinado por contextos sociais.
- e) a presença de mais pessoas possui valor intrínseco.

24. Considerando o contexto, o verbo “veers into” (3º parágrafo) indica que certos discursos

- a) passam a assumir características problemáticas.
- b) mantêm o mesmo padrão ao longo do tempo.
- c) seguem trajetória previsível de desenvolvimento.
- d) se consolidam por meio de validação científica.
- e) tendem a adquirir caráter neutro.

25. No texto, a expressão “stunning and stunting” (2º parágrafo) pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por

- a) “gradual and descriptive”.
- b) “striking and constraining”.
- c) “stable and foreseeable”.
- d) “analytical and systematic”.
- e) “procedural and methodical”.

Prova de Inglês (Manhã)

Texto para as questões 26 a 30

Since James Geary, adjunct lecturer in public policy at Harvard Kennedy School, encountered his first aphorism at age 8, his love for them has only grown.

In an interview, Geary spoke about the appeal of those short, philosophical phrases, how they differ from slogans or tweets, and why memes can be the new aphorisms.

*What's the appeal of aphorisms?*

Aphorisms are the oldest written art form on the planet, but they're also the most contemporary. With the rise of social media and short-form communication, in many ways the aphorism has found its perfect technological platform. So much of social media today is just toxic — hot takes, rage posts, and all that kind of stuff — but aphorisms from their beginning, 5,000 years ago in China and Egypt, were mostly philosophical thoughts. They're often witty and are a very sophisticated form of literature that, unlike so much social media today, is not intended to confirm the opinions you already have, but to challenge and provoke you to think further and deeper.

*How do aphorisms differ from proverbs, slogans, or tweets?*

A key component of an aphorism is that it has to be philosophical; it has to make you think. And I don't mean that it has to be esoteric or impenetrable, but about the ultimate questions in life. Aphorisms help us to examine our own beliefs, practices, and our own biases. They're kind of a philosophy for daily life. Unlike political or commercial slogans or tweets, aphorisms provide answers to that old philosophical question of how to live a good life. Aphorisms have to be super accessible; you can understand them in a second. And they often feature a twist that upends expectations. Their mode of delivery is brief, but the impact of a really good aphorism is long-lasting; they are in your head for a lifetime. I first encountered the aphorism "The only difference between a rut and a grave is the depth" when I was 8 years old, and it has never left my mind.

*You say that memes are the new form of aphorism. How so?*

Since memes appeared on the scene, I realized that aphorisms don't have to involve language. Memes are the next step in the evolution of the aphorism. But I wouldn't say every meme is an aphorism, just like every tweet is not an aphorism. Even if it's a meme or a visual textual combination, it should still have a twist, it should still be philosophical.

Harvard Gazette. 10 October 2025. Adaptado.

26. Conforme o texto, a caracterização dos aforismos como simultaneamente antigos e contemporâneos constrói a ideia de que eles

- a) apresentam circulação limitada em determinados meios.
- b) mantém relevância ao se adaptar a novos contextos.
- c) permanecem restritos a períodos históricos específicos.
- d) cedem lugar à comunicação digital na produção de sentido.
- e) permanecem associados à tradição filosófica clássica.

27. De acordo com o texto, a função atribuída aos aforismos indica que eles

- a) reforçam a adesão a opiniões previamente estabelecidas.
- b) simplificam a compreensão de questões consideradas complexas.
- c) evitam confronto com controvérsias de natureza intelectual.
- d) promovem revisão crítica em relação às crenças do leitor.
- e) eliminam ambiguidades no processo de interpretação.

28. No texto, o termo "twist" (4º e 5º parágrafos), ao caracterizar os aforismos, sugere que

- a) seguem estrutura estável ao longo da construção.
- b) empregam linguagem literal na expressão.
- c) apresentam conteúdo repetitivo na formulação.
- d) mantêm coerência de sentido ao longo da leitura.
- e) introduzem efeito de surpresa na interpretação.

29. No texto, a inclusão do aforismo "The only difference between a rut and a grave is the depth" (4º parágrafo) contribui para

- a) introduzir ruptura no desenvolvimento do argumento.
- b) relativizar o alcance dos efeitos atribuídos a essa forma de expressão.
- c) exemplificar o impacto duradouro dessa formulação.
- d) apresentar informação situada em contexto histórico.
- e) ilustrar elaboração formal da linguagem empregada.

30. Considerando o contexto, o termo "upends" (4º parágrafo) significa

- a) subverte.
- b) consolida.
- c) preserva.
- d) regula.
- e) esclarece.